

Viver é aprender a ser um eterno aprendiz

Luizinho Oliveira

[Metalúrgico. Ativista Sindical]

Vivemos em um mundo caótico, confuso, e sobretudo conflagrado, onde opiniões são formadas e definidas sem nenhum filtro ou mediação, apenas influenciadas por algoritmos. As tais mídias ditas sociais “*deram fala a uma legião de imbecis*” (Humberto Eco, escritor), formando-se uma constelação de donos da verdade.

Ambientes assim são terrenos férteis onde os aproveitadores da boa-fé alheia plantam as sementes da ignorância para colherem benefícios próprios e difundirem o ódio e a mentira. Nos nossos relacionamentos humanos vamos nos deparar com pessoas influenciadas e com os chamados conscientes de má-fé, estes últimos dissimulam suas verdadeiras motivações invocando a defesa da religião, da pátria, da família e da liberdade. Estas pessoas exploram convicções, crenças e valores dos indivíduos, dos grupos, estimulando divisões e conflitos. São coletivos de indivíduos ególatras pouco afeitos a compromissos sociais, interessados apenas no que lhes trará benefícios pessoais, individuais.

Nós humanistas e defensores de uma sociedade mais justa e igualitária nos vemos diante de um desafio gigantesco que é nos equilibrarmos em meio a este turbilhão de emoções e de atitudes nada convenientes para nós. E termos de transformar um ambiente de convivência instável e tóxico em outro minimamente saudável e de respeito às individualidades.

Nessa caminhada por trilhas tortuosas, nos deparamos com uma variedade de características humanas:

Pessoas narcisistas ou deslumbradas que agem por vaidade. Pessoas com esse transtorno são incapazes de demonstrar empatia àqueles que não lhes prestam atenção ou adulação, o que resulta em relacionamento conturbado. Esse tipo é nefasto.

Os interessantes são pessoas que nos inspiram, agregam valor às nossas vidas. São como faróis a nos guiar em meio a escuridão.

Interessadas, são pessoas que buscam ajuda e orientação. Ajude-as no que puder, visto que a colaboração é o oxigênio de uma sociedade mais justa e equilibrada.

Interesseiras, pessoas oportunistas que se aproveitam das fraquezas humanas e se aproximam só para obter vantagens.

Puramente egoísticas, a interação com elas resulta em decepção.

É prudente nunca julgar as pessoas pela primeira impressão ou pela aparência, estes dois conceitos na maioria das vezes nos enganam. Cuidado é pouco com aquele ou aquela que se comporta com moralismo exacerbado, na maioria dos casos, para encobrir malfeitos do presente ou do passado. Se já não bastasse o ambiente polarizado e fragmentado por conta dos anos do retrocesso político produto do governo protofascista de Bolsonaro, que coloca em risco a nossa frágil democracia, estamos no meio do redemoinho das novas tecnologias (inteligência artificial, robôs, drones, redes e atividades on-line etc.), a nos causar perplexidade e a necessidade de adaptação urgente.

É dever civilizatório fazer de nossas vidas uma grande escola, na qual cada interação, cada desafio, cada vitória ou derrota traga ensinamentos únicos e que aprendemos a distinguir e a conviver com os diferentes tipos de pessoas, obtendo delas o que há de melhor em cada uma.

É bom estarmos atentos às transformações tecnológicas ou climáticas, e aos seus riscos e oportunidades, para direcionarmos nossos esforços em favor de políticas públicas que melhorem a vida no planeta, tarefa de todos com as suas diferentes personalidades e potencialidades.

Mais do que isso, nos engajemos na construção de uma sociedade em que a empatia, a compreensão e o respeito às diferenças pessoais, a ciência e aos direitos humanos e ambientais prevaleçam sobre o oportunismo e a ignorância.

Em um mundo repleto de incertezas, essas são lições básicas que nos guiam para uma saudável convivência mais harmoniosa e significativa. Viva a tolerância, a resiliência e a ciência.

■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.